



O documento de Santarém em seus aspectos: “encarnação e libertação” lido à luz de Hb 2,5-18

The Santarem document in its aspects: “incarnation and liberation” read in the light of Heb 2:5-18

*Vilson José da Silva
Leandro Rodrigues dos Santos
José Renato Lima de Souza*

Resumo

O presente artigo visa analisar o Documento de Santarém, promulgado em maio de 1972, ao final da reunião dos bispos da Amazônia brasileira, à luz de Hb 2,5-18 em seus aspectos “encarnação” e “libertação”. Essa temática oferece, a partir do referencial bíblico-teológico, a ligação entre a inculturação da Igreja na realidade amazônica e a promoção do bem comum, à luz da Encarnação de Jesus Cristo na humanidade e a libertação de todo o gênero humano. Sendo assim, buscar-se-á provocar um debate o qual ainda se faz necessário, depois destes 50 anos do documento, que é a evangelização como sinal visível de uma Igreja a qual também se encarna e ao se encarnar, torna-se agente de libertação, isto como objetivo específico. Para alcançar tal propósito, o método utilizado será o da pesquisa bibliográfica, centrada no documento inspirador, bem como artigos e documentos com referência à realidade amazônica e aprofundamentos sobre a carta aos Hebreus, em seus aspectos: autoria, lugar de composição, destinatários. Tudo isso para dar base à análise exegética, a qual tem por finalidade correlacionar os termos destacados do documento e que estão presentes ao interno da perícópe.

Palavras-chave: Libertação. Encarnação. Amazônia. Carta aos Hebreus. Documento de Santarém.



Abstract

This article aims to analyze the Document of Santarém, promulgated in May 1972, at the end of the meeting of the bishops of the Brazilian Amazon, in the light of Heb 2:5-18 in its aspects “incarnation” and “liberation”. This theme offers, from the biblical-theological framework, the connection between the inculturation of the Church in the Amazonian reality and the promotion of the common good, in the light of the Incarnation of Jesus Christ in humanity and the liberation of the entire human race. Therefore, we will seek to provoke a debate which is still necessary, after these 50 years of the document, which is evangelization as a visible sign of a Church which is also incarnated and, when incarnated, becomes an agent of liberation, this as a specific objective. To achieve this purpose, the method used will be bibliographical research, centered on the inspiring document, as well as articles and documents with reference to the Amazonian reality and deepening on the letter to the Hebrews, in its aspects: authorship, place of composition, recipients. All this to support the exegetical analysis, which aims to correlate the highlighted terms of the document and which are present within the pericope.

Keywords: Release. Incarnation. Amazon. Letter to the Hebrews. Santarém document.

Introdução

O Documento de Santarém, promulgado em maio de 1972, ao final da reunião dos bispos da Amazônia brasileira, lido à luz de Hb 2,5-18 em seus aspectos “encarnação” e “libertação”, é o propósito deste artigo. Tal temática torna-se oportuna, pois ela quer oferecer, a partir do referencial bíblico-teológico, uma reflexão acadêmica dos desafios socioambientais que assolam o bioma Amazônico; mostrando que, a Igreja inserida nesta realidade, a exemplo de Jesus Cristo propôs-se a encarnar-se, sendo também neste chão instrumento de libertação. Ele, por meio de sua Encarnação, no seio da virgem Maria de Nazaré, fez-se homem, portanto, “βραχύ τι παρ’ ἀγγέλους/*um pouco, menor do que os anjos*” (Hb 2,7a), ofereceu um caminho de libertação a todo o gênero humano, pois, ao participar da mesma condição, pôde e pode libertar “ὅσοι φόβῳ θανάτου διὰ παντὸς τοῦ ζῆν ἔνοχοι ἦσαν δουλείας/*aqueles, que por medo da morte estavam amarrados por toda a vida à escravidão*” (Hb 2,15a-b). Por intermédio deste feito de Jesus, a Igreja, na pessoa dos bispos da Amazônia, propôs-se a assumir as fragilidades dessa realidade, para com eles experimentarem a libertação.

Utilizando a metodologia da pesquisa bibliográfica, este artigo centra-se no documento inspirador e ampara-se em estudos complementares e documentos referentes à realidade amazônica. Nos aprofundamentos sobre a carta aos Hebreus,

procura-se apresentar o texto a partir de seu contexto, analisando as hipóteses quanto à sua autoria, data, lugar de redação, bem como seus possíveis destinatários, além de outros elementos próprios do estudo bíblico.

Vale recordar que o Documento de Santarém é fruto do 6º Encontro de Pastoral da Amazônia, aberto no dia 24 de maio de 1972, mediante a leitura de um telegrama enviado pelo Papa Paulo VI aos Bispos da região amazônica, reunidos em assembleia. Nesse encontro, foram impulsionados a não terem medo e abordarem temas principais das linhas pastorais da Amazônia, aprofundando dois conceitos-chave, os quais são destacados como objeto material deste artigo, a saber: “encarnação na realidade e evangelização libertadora”.¹

Embora o documento de Santarém não faça referência direta à perícopes bíblica que está em análise. E a carta aos Hebreus não tenha empregado literalmente o substantivo “libertação”, mas a forma verbal ἀπαλλάξῃ (subjuntivo aoristo, ativo, 3ª pessoa singular do verbo ἀπαλλάσσω/libertar) em Hb 2,15a, bem como o termo “encarnação”, porém, traz a ideia ou as consequências que decorram deste ato. Acredita-se que o conjunto dos elementos de cada um destes dois documentos levará a compreender o quanto eles estão em sintonia, pois assim como a carta aos Hebreus é escrita para uma comunidade miscigenada, o documento é elaborado como uma voz para todas as realidades amazônicas, apresentando-se como caminho a ser percorrido por toda a Igreja inserida nessa realidade, em busca de dignidade para todos.

1. O texto bíblico e seu contexto

1.1. Autoria e data

Determinar a autoria da carta aos Hebreus constitui-se uma situação que, até o momento, encontra-se sugestivo ao crivo da dúvida. No contexto histórico dos primeiros séculos da era cristã, no ambiente dessas comunidades, a credibilidade de um documento como esse dependia de uma certa Apostolicidade redacional, por isso, encontra-se no manuscrito *Sinaítico* o título “para os Hebreus” e a Síriaca Heracleana, do IV século, o título: “Paulo, epístola aos Hebreus”. Fazendo com que por longos anos, ela fosse considerada “de Paulo”, “carta” e “aos hebreus”.

No entanto, a partir da exegese moderna, todos estes elementos foram postos em xeque. Ravasi recorda que Grässer fora o primeiro a afirmar “a carta de Paulo aos Hebreus não é uma carta, não é de Paulo, não está endereçada aos hebreus, estes são pontos seguros”.² Contudo, no atual contexto, os estudiosos desse texto bíblico, já não se questionam tanto quanto a essa situação, não por terem encontrado uma resposta

¹ CONFERÊNCIA Nacional Dos Bispos Do Brasil. Igreja, comunhão e missão, p. 14.

² GRÄSSER, E., Theologische Rundschau (o autor não cita a página). Citado por RAVASI, G., Lettera agli Ebrei, p. 8.

definitiva, mas por considerar a relevância dos argumentos desenvolvidos ao longo da história. Para compreensão dessa situação, e defesa de alguns pontos de vista sobre essa carta é preciso retomar algumas questões originárias.

A primeira dificuldade, encontrada na procura do autor da carta aos Hebreus, consiste na falta de uma saudação inicial, com as indicações preliminares sobre quem e para quem é destinada essa carta. “Tal ausência tornou-se terreno fértil para a multiplicação de hipóteses acerca de sua autoria”.³ Sob a necessidade de atribuí-la a algum autor, começou-se a relacioná-la com os escritos de Paulo. Essa atribuição começa a ser registrada já no segundo século da era cristã, no período Patrístico, no qual se destaca “Clemente de Alexandria (c.150-215) e Orígenes (185-253)”.⁴ O principal argumento para essa atribuição a Paulo está na benção contida nos três últimos versículos da carta, esse costume era como uma assinatura do Apóstolo. Além disso, “a grande influência de Orígenes na Igreja oriental era suficiente para garantir a contínua aceitação da carta como sendo apostólica”.⁵ A própria aceitação da carta como sendo de Paulo, atribuía-lhe autoridade, e facilitava sua aceitação. Este argumento de autoridade era tão significativo que, no ocidente, a carta aos Hebreus só foi acrescentada ao cânone “a partir da segunda metade do século IV”.⁶

Por ter sido atribuída a Paulo a autoria, a exegese moderna questiona o fato de que “nem a forma literária nem o estilo são os das outras epístolas paulinas”.⁷ Não há correspondência entre o estilo cuidadoso e anonimato da carta “com o estilo impetuoso, cheio de oposições enérgicas”,⁸ de quem e para quem está sendo escrita aquela exortação. Tanto Dos Santos como Vouga, reconhecem e destacam a ausência dos principais temas da teologia paulina como, “teologia da cruz, problema da justiça, questão da lei, discussão sobre a liberdade”,⁹ além de outros elementos tão comuns nos escritos de Paulo. Por essas e outras razões não destacadas, essa hipótese é raramente sustentada pela teologia moderna.¹⁰

Sob o testemunho de Tertuliano (c.155-220), há a hipótese de ser Barnabé o autor de Hebreus, por sua origem helenista e proximidade a Paulo. Contra essa hipótese, pesa a dificuldade de compreender como que um levita, de acordo com At 4,36, conservador da lei, “poderia ter abandonado assim tão completamente a posição da comunidade primitiva, (...) a ponto de se tornar autor”¹¹ de Hebreus.

³ DOS SANTOS, A. L. S., Introdução, p. 11.

⁴ VOUGA, F., A epístola aos Hebreus, p. 424.

⁵ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 15.

⁶ KÜMMEL, W. G., Introdução ao Novo Testamento, p. 516.

⁷ VOUGA, F., A epístola aos Hebreus, p. 424.

⁸ DOS SANTOS, A. L. S., Introdução, p. 12.

⁹ VOUGA, F., A epístola aos Hebreus, p. 424.

¹⁰ KÜMMEL, W. G., Introdução ao Novo Testamento, p. 527.

¹¹ KÜMMEL, W. G., Introdução ao Novo Testamento, p. 528.

Muitas outras hipóteses foram descobertas com essa pesquisa, mas devido à divergência entre os valores agregados a cada hipótese por parte dos materiais comparados até o momento, elas não serão destacadas. O fato é que, o texto de Hebreus é “considerado pela crítica o grego mais belo do Novo Testamento, (...) o autor é versado na cultura greco-romana”¹² e faz parte da segunda geração dos anunciadores da salvação (Hb 2,3). O que passa disso arrisca ser apenas afirmações arbitrárias de hipóteses prováveis, dado que até o momento “não é possível determinar a identidade do autor”.¹³

A fixação da data de composição de Hebreus é outro dilema que precisa ser analisado, e compreendido a partir da comparação das hipóteses mais prováveis para essa definição. Pois, o maior argumento presente no próprio texto é o que foi exposto no parágrafo anterior, em que o autor se identifica com a segunda geração dos que anunciam o Evangelho (Hb 2,3). Considerando essa insegurança quanto à data de composição, Guthrie, sugere que “tudo quanto podemos fazer é sugerir limites dentro dos quais a carta foi, provavelmente, escrita”.¹⁴

Dado a primeira informação, de que essa carta pertence à segunda geração, Guthrie, no mesmo parágrafo citado anteriormente, determina um limite para essa datação, afirmando “que foi escrita antes da carta de Clemente de Roma (95 d.C.), a não ser, naturalmente, que aleguemos que Hebreus usou Clemente, ou que os dois escritores usaram fontes em comum”.¹⁵ Vale ressaltar que, a hipótese de Hebreus ser dependente da carta de Clemente ou ambas dependerem de uma mesma fonte, já era uma hipótese bem conhecida por Orígenes, descartada e explicada por Kümmel na Introdução ao Novo Testamento de 1982.

Levando em consideração as inúmeras probabilidades, e na falta de um determinador comum, essa pesquisa compartilha das seguintes opiniões, quanto a data de composição da carta aos Hebreus. Considerando que Clemente tenha escrito sua carta em 96 e mostra-se conhecedor da carta de Hebreus, é razoável a afirmação de Vouga,¹⁶ que seu escritor seja da segunda geração, conforme sugere Hb 2,3, do mesmo modo, é justa a afirmativa de Kümmel¹⁷ que, provavelmente, ela tenha sido escrita entre os anos 80 e 90.

1.1.2. Lugar de redação e destinatários

Pelo fato de não haver nos referenciais analisados nesta pesquisa uma abordagem mais precisa sobre os possíveis lugares de redação da carta aos Hebreus,

¹² DOS SANTOS, A. L. S. Introdução, p. 13.

¹³ KÜMMEL, W. G., Introdução ao Novo Testamento, p. 528.

¹⁴ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 25.

¹⁵ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 25.

¹⁶ VOUGA, F., A epístola aos Hebreus, p. 178.

¹⁷ KÜMMEL, W. G., Introdução ao Novo Testamento, p. 528.

exceto: “Roma, Egito, Éfeso, Antioquia”,¹⁸ como simples indicações, faz-se oportuno considerar que “Hebreus foi por muito tempo e de modo geral considerada como uma epístola escrita para cristãos judeus”.¹⁹ Esses foram considerados os destinatários da carta, por duas fortes razões: pelo modo de apresentar os argumentos, expressando uma íntima ligação entre o Antigo Testamento e as práticas judaicas; e pela grande necessidade de destacar a superioridade da Nova Aliança sobre a Antiga, bem como, a superioridade de Jesus como Sumo Sacerdote, considerado digno de maior honra que Moisés (Hb 3,1-6).

Na observação das hipóteses apresentadas pelo referencial, citado até o momento, a comunidade de Jerusalém aparece frequentemente como primeira possibilidade. No entanto, segundo a sugestão de Guthrie,²⁰ essa hipótese se torna ainda mais difícil de sustentar, se for considerado que a carta tenha sido escrita depois dos anos 70. Embora Hb 2,3 já tenha sido mencionado como indicação de possível data de composição para a carta, pode, também, ser considerado como hipótese de que nem o escritor, nem os leitores tenham ouvido pessoalmente o Senhor.²¹ Essa probabilidade exclui por completo a possibilidade de se considerar Jerusalém como destino desta carta.

Os destinatários continuam com perguntas sem resposta objetiva, mas as possibilidades se tornam diversificadas. Dos Santos²² faz uma lista de possíveis destinos, “tais como: Samaria, Antioquia, Chipre, Éfeso, Colossos, Bitínia, Ponto, Corinto”. Roma aparece como hipótese, sem dados seguros, para quem indica essa lista de lugares. No entanto, é necessário perceber que Hebreus foi citada em Roma por Clemente, logo após a data sugerida para a redação de Hebreus. Embora Hb 13,24 constitua uma interpretação ambígua, entendida tanto como uma saudação daqueles que lá na Itália estão com seu redator, como uma saudação aos que estando na Itália a receberão. A conclusão mais provável é de que os leitores cristãos²³ de Roma sejam os destinatários finais desta carta.²⁴

1.1.3. Texto, segmentação e tradução de Hb 2,5-18

Οὐ γὰρ ἀγγέλοις ὑπέταξεν τὴν οἰκουμένην τὴν μέλλουσαν,	5a	Pois, não aos anjos subordinou o mundo que há de vir,
περὶ ἧς λαλοῦμεν.	5b	acerca do qual estamos falando.

¹⁸ KÜMMEL, W. G., Introdução ao Novo Testamento, p. 528.

¹⁹ KÜMMEL, W. G., Introdução ao Novo Testamento, p. 522.

²⁰ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 23.

²¹ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 23.

²² DOS SANTOS, A. L. S. dos, Introdução, p. 14.

²³ KÜMMEL, W. G., Introdução ao Novo Testamento, p. 524.

²⁴ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 25.

διεμαρτύρατο δέ πού τις λέγων·	6a	Mas, em certo lugar, testemunhou alguém dizendo:
τί ἐστιν ἄνθρωπος	6b	que é o ser humano
ὅτι μιμήσκη αὐτοῦ,	6c	(para) que te lembres dele?
ἢ υἱὸς ἀνθρώπου	6d	ou o filho do homem
ὅτι ἐπισκέπη αὐτόν;	6e	(para) que o visites?
ἡλάττωσας αὐτόν βραχύ τι παρ' ἀγγέλους,	7a	Fizeste-o um pouco menor que (os) anjos,
δόξῃ καὶ τιμῇ ἐστεφάνωσας αὐτόν,	7b	(de) glória e honra coroaste-o.
πάντα ὑπέταξας ὑποκάτω τῶν ποδῶν αὐτοῦ.	8a	Todas as coisas submeteste debaixo dos pés dele,
ἐν τῷ γὰρ ὑποτάξει [αὐτῷ] τὰ πάντα	8b	pois ao submeter todas as coisas a ele,
οὐδὲν ἀφήκεν αὐτῷ ἀνυπότακτον.	8c	nada deixou-lhe insubmisso.
Νῦν δὲ οὕτω ὀρθῶμεν αὐτῷ τὰ πάντα ὑποτεταγμένα·	8d	Agora, pois, ainda não vemos todas as coisas submetidas a ele.
τὸν δὲ βραχύ τι παρ' ἀγγέλους ἡλαττωμένον βλέπομεν Ἰησοῦν	9a	Vemos, pois, Jesus, aquele que por um pouco tendo sido feito inferior junto aos anjos,
διὰ τὸ πάθημα τοῦ θανάτου	9b	por causa do sofrimento de morte

δόξη και τιμῇ ἑστεφανωμένον,	9c	(de) honra e glória tendo sido coroadado,
ὅπως χάριτι θεοῦ ὑπὲρ παντὸς γεύσεται θανάτου.	9d	para que, pela graça de Deus, provasse da morte em favor de todos.
Ἔπρεπεν γὰρ αὐτῷ, δι' ὃν τὰ πάντα	10a	Convinha, pois, àquele por quem (existem) todas as coisas
καὶ δι' οὗ τὰ πάντα,	10b	e para quem todas as coisas (existem),
πολλοὺς υἱοὺς εἰς δόξαν ἀγαγόντα	10c	tendo conduzido muitos filhos para a glória,
τὸν ἀρχηγὸν τῆς σωτηρίας αὐτῶν διὰ παθημάτων τελειῶσαι.	10d	aperfeiçoar o autor da salvação deles, através dos sofrimentos.
ὃ τε γὰρ ἀγιαζῶν	11a	Pois, tanto (o que) santifica,
καὶ οἱ ἀγιαζόμενοι	11b	quanto os que são santificados,
ἐξ ἑνὸς πάντες·	11c	todos descendem de um só.
δι' ἣν αἰτίαν οὐκ ἐπαισχύνεται ἀδελφοὺς αὐτοὺς καλεῖν	11d	Por isso, não se envergonha de chamá-los irmãos,
λέγων· ἀπαγγεῶ τὸ ὄνομά σου τοῖς ἀδελφοῖς μου	12a	dizendo: anunciarei o teu nome aos meus irmãos,
ἐν μέσῳ ἐκκλησίας ὑμνήσω σε,	12b	no meio da igreja cantarei louvores a ti.
καὶ πάλιν·	13a	E de novo:

ἐγὼ ἔσομαι πεποιθὸς ἐπ' αὐτῷ,	13b	eu estarei confiante n'Ele
καὶ πάλιν·	13c	e de novo:
ἰδοὺ ἐγὼ καὶ τὰ παιδιά ἃ μοι ἔδωκεν ὁ θεός.	13d	eis-me aqui e os filhos que Deus me deu.
Ἐπεὶ οὖν τὰ παιδιά κεκοινώνηκεν αἵματος καὶ σαρκός,	14a	Portanto, uma vez que, os filhos codividem do sangue e da carne,
καὶ αὐτὸς παραπλησίως μετέσχευ τῶν αὐτῶν,	14b	também ele, de modo semelhante, participou deles,
ἵνα διὰ τοῦ θανάτου	14c	para que através da morte,
καταργήσῃ τὸν τὸ κράτος ἔχοντα τοῦ θανάτου,	14d	anulasse aquele que tem o poder da morte,
τοῦτ' ἔστιν τὸν διάβολον,	14e	isto é, o diabo,
καὶ ἀπαλλάξῃ τούτους, ὅσοι φόβῳ θανάτου	15a	e libertasse aqueles, que por medo da morte
διὰ παντὸς τοῦ ζῆν ἔνοχοι ἦσαν δουλείας.	15b	estavam amarrados por toda a vida à escravidão.
οὐ γὰρ δήπου ἀγγέλων ἐπιλαμβάνεται	16a	Mas, (Ele) evidentemente, vem em socorro não dos anjos,
ἀλλὰ σπέρματος Ἀβραάμ ἐπιλαμβάνεται.	16b	mas em socorro da descendência de Abraão.
ὅθεν ὄφειλεν κατὰ πάντα τοῖς ἀδελφοῖς ὁμοιωθῆναι,	17a	Por isso, (Ele) devia em tudo fazer-se semelhante aos irmãos,

ἵνα ἐλεήμων γένηται καὶ πιστὸς ἀρχιερεὺς τὰ πρὸς ²⁵ τὸν θεὸν	17b	para que se tornasse sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas relativas a Deus,
εἰς τὸ ἰλάσκεσθαι τὰς ἀμαρτίας τοῦ λαοῦ.	17c	para expiar os pecados do povo.
ἐν ᾧ γὰρ πέπονθεν αὐτὸς πειρασθεῖς,	18a	porque, pois, (Ele) mesmo sofreu, tendo sido colocado à prova,
δύναται τοῖς πειραζομένοις βοηθῆσαι.	18b	(Ele) é capaz de ajudar os que são colocados à prova.

1.1.4. Delimitação

A perícopre, escolhida para fundamentar este estudo, constitui-se uma unidade literária e temática. A delimitação em Hb 2,5-18 é marcada pela repetição do termo anjos (v.5a; 7a; 9a e 16a), que já apareceu na perícopre anterior, bem como é apresentado no prólogo para dizer que Jesus é superior a eles. E, aqui, mesmo ele tendo afirmado que Cristo é superior aos Anjos, o autor vai apresentar uma novidade ao dizer que Jesus foi feito “βραχύ τι παρ’ ἀγγέλους”/um pouco menor do que aos Anjos” (v.7a; 9a), e esclarece em que consiste esse ser menor, porque “κεκοινώνηκεν αἵματος καὶ σαρκός/codividiu do sangue e da carne” (v.14a), se fez “ἄδελφοῖς ὁμοιωθῆναι/semelhante aos irmãos”, e, por causa disso experimentou o “πάθημα/sofrimento” (v.9b) e a “θάνατος/morte” (v.9b-d), para que através da morte anulasse o seu poder e “ἀπαλλάξῃ τούτους, ὅσοι φόβῳ θανάτου/libertasse aqueles que estavam amarrados por toda a vida à escravidão” (vv.14c-15a).

O texto, escolhido para análise confirma-se como uma unidade literária, mediante o fato de que o trecho precedente, isto é, Hb 2,1-4 apresenta-se como advertência aos cristãos.²⁶ Assim ele passa da exposição a exortação.²⁷ De modo que o texto consiste em uma declaração direta (Hb 2,1), seguida por uma sentença explicativa, marcada pela conjunção “γὰρ/pois”. Além do que os temas abordados não se farão presentes na sequência, a não ser o elemento que vai servir de comparação “ἀγγελος/anjos”.

²⁵ ZERWICK, M., Acusativo de Relação, n. 74.

²⁶ MAZZAROLO, I., O que muda depois de Jesus?, p. 57.

²⁷ LANE, W. L., Hebrews 1-8, p. 12.

No texto subsequente, Hb 3, dá-se início a uma nova seção, tanto é, que os textos modernos o apresentam como sendo um novo capítulo. Dado que emprega o advérbio “*θεν/assim*”, seguido da saudação “*ἀδελφοί ἄγιοι/irmãos santos*” e segue fazendo uma exortação ou chamada de atenção para um novo conteúdo, no qual Cristo é agora apresentado como superior a Moisés, tema esse, não tratado anteriormente.

Em linhas gerais, vale ressaltar a sugestão de Bosch²⁸ que existe uma grande facilidade na percepção dos blocos temáticos, os quais compõem a carta aos Hebreus. Com isso, afirma-se que a perícopes de Hb 2,5-18 faz parte do segundo bloco temático da carta. Ela está sintonizada entre a argumentação da superioridade do nome do Filho de Deus (Hb 1,4b-14), completada com a necessidade de obediência à sua palavra (Hb 2,1-4), e a exaltação de Jesus que em sua condição de Filho está muito acima de Moisés (Hb 3,1-6).²⁹

2. Encarnação e Libertação sob ponto de vista de Hb 2,5-18

Para iniciar sua argumentação desenvolvida na perícopes de Hb 2,5-18, o autor evoca o último assunto discutido na perícopes anterior, para dar continuidade ao conjunto de seus argumentos. Em Hb 2,2, os anjos são apresentados na condição de promulgadores da palavra colocada em vigor. O escritor fala da dignidade dos anjos, ressaltando que, nem por isso, o mundo futuro foi sujeitado a eles v.5a. Este versículo inicia a perícopes, julgando que o leitor já tenha lido a anterior, onde o sujeito desta ação está apresentado, por isso, “o pensamento-chave é que Deus sujeitou”³⁰ o mundo; não aos anjos.

Apesar de hoje se ter uma certa clareza de que o Salmo citado seja o Sl 8,5-7,³¹ o texto parece não dar muita importância à necessidade de se lembrar de onde vem essa referência. Pode ser pelo fato de que este salmo não lhe seja considerado como messiânico, e o homem citado não seja o comum, mas o ideal. Neste caso, seria uma promessa perfeitamente cumprida em Jesus Cristo.³² O v.7a com o termo “*βραχύ/por um pouco*”, leva a compreender que a condição de menor que os anjos tenha sido uma situação provisória, pois os vv.7b-8, remetem à coroação de glória, logo após essa sujeição de todas as coisas. Embora, não seja aqui espaço de discussão sobre a relação da carta aos Hebreus com a carta aos Coríntios, é bom lembrar que, essa ideia da sujeição de todas as coisas ao Filho, exceto aquele que lhe submeteu tudo (1Cor 15,27-28) já era assunto conhecido na escrita primitiva. Pois, na hipótese desta pesquisa, a carta aos Hebreus é escrita décadas após a primeira carta aos Coríntios, escrita de Éfeso, entre os anos 51 a 55.³³

²⁸ BOSCH, J. S., Escritos Paulinos, p. 430.

²⁹ KÜMMEL, W. G., Introdução ao Novo Testamento, p. 512.

³⁰ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 79.

³¹ BOSCH, J. S., Escritos Paulinos, p. 433.

³² BOSCH, J. S., Escritos Paulinos, p.79.

³³ VOUGA, F., A epístola aos Hebreus, p. 250.

Depois de apresentar os primeiros argumentos, sobre a condição daquele que foi feito “βραχύ τι παρ’ ἀγγέλων/*um pouco menor que os anjos*” (v.7a), e da autoridade atribuída a ele, o autor de Hebreus chega no v.9 “à altura de Jesus ser chamado pelo nome; e é significativo que o nome escolhido é Seu nome humano”.³⁴ A partir do momento em que ele apresenta o Nome, no v.9a, volta a citar a mesma condição já apresentada no v.7a (um pouco menor que os anjos), para enfatizar a estreita identificação da pessoa de Jesus com todos os homens. Essa identificação, esse assumir a condição, nada mais é que a sua Encarnação (Rm 1,3; 1Jo 4,2; Jo 1,14a). No v.9, o autor apresenta uma síntese de todo o processo da Encarnação, bem como a graça reservada aos homens como resultado desse acontecimento.

Do v.10 ao v.18, o autor discorre um novo conjunto de argumentos em torno da justificação da obra de Jesus em prol dos homens.³⁵ No v.10 é feita uma associação muito clara entre os sofrimentos considerados necessários à glória reservada a todos os beneficiados por meio dele. Jesus “não precisava do sofrimento para Sua própria salvação, mas era indispensável para os outros serem salvos”.³⁶ Essa é uma condição humanamente difícil de ser compreendida, embora pareça que para o autor desta carta, isso já não lhe representava mais como um problema. Em torno da afirmação de que “ἐξ ἐνὸς πάντες/*todos descendem de um só*” (v.11c), está a razão pela qual Jesus não se envergonha de chamar os santificados de irmãos, de compreendê-los humanamente no mesmo nível. O autor coloca na boca do próprio Jesus, a disposição de anunciar o nome de Deus aos irmãos (v.12a), e de estar junto aos filhos que Deus lhe deu.

No v.14, “O escritor reflete sobre a Encarnação e a missão de Jesus”.³⁷ Ele continua sua argumentação na sugestão de que seus leitores já tenham visto os argumentos anteriores. Tendo compreendido a Encarnação do Filho como participação da mesma condição dos filhos, o escritor da carta aos Hebreus afirma que a morte do Filho traz a libertação de todos, do poder do dominador da morte, “τοῦτ’ ἔστιν τὸν διάβολον/*isto é, o diabo*” (v.14e). E completa, que essa libertação se estende também para todos que “διὰ παντὸς τοῦ ζῆν ἔνοχοι ἦσαν δουλείας/*estavam amarrados por toda a vida à escravidão*” (v.15b).

No v.16a, o autor volta a citar o tema dos anjos, mas com a presença de um novo elemento argumentativo. Após afirmar que Jesus não veio se ocupar com os anjos, dado que eles não estão incluídos nessa missão, afirma ser a descendência de Abraão os favorecidos com essa vinda. Novamente, o autor usa o recurso do retorno a uma parte da discussão para trazer um novo elemento. Nesse caso, retomando a semelhança de Jesus com os irmãos, apresenta um dos assuntos que longamente será discutido nesta carta: o sacerdócio de Jesus. De maneira especial, em Hb 5,1-10 o tema do sacerdócio

³⁴ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 81.

³⁵ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 82.

³⁶ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 84.

³⁷ GUTHRIE, D., A Carta aos Hebreus, introdução e comentário, p. 86.

é desenvolvido, assim como o tema da encarnação e libertação é desenvolvido nesta perícopa de Hb 2,5-18. O v.18 encerra a perícopa, com um elemento que pode ser considerado novo, “πέπονθεν αὐτὸς πειρασθεῖς/(Ele) mesmo sofreu, tendo sido colocado à prova” (v.18a), como elemento que encerra toda a discussão que vem sendo apresentada ao longo do texto.

3. O texto e contexto em torno do documento de Santarém

3.1. Realidade amazônica e seus desafios para a Igreja

Este encontro foi de extrema importância, especialmente, pelo fato de tratar de assuntos de interesses gerais e por englobar toda região Amazônica, ficando como um momento histórico para a Igreja do Norte do Brasil. Nele, os bispos recordam a frase profética do Papa Paulo VI, “Cristo aponta para a Amazônia”. Essa frase reacende neles o entusiasmo de uma Igreja discípula-missionária, bem como continua a encorajá-los a animar os corações e as mentes, de todo o povo de Deus, na certeza de serem cuidados pelo próprio Cristo. Assim, em 2022, em comemoração ao jubileu do documento e daquele profético encontro, os bispos atuais afirmaram que aquele impulso ao cuidado, ainda se faz novo.³⁸ É preciso estar sempre atento às transformações que afetaram e continuam afetando a Amazônia.

Naquele momento, para responder de maneira adequada à conjuntura regional envolvente, os bispos referem-se expressamente à “nova consciência e à atitude da Igreja universal, a partir do Vaticano II, e, em particular, da Igreja Latino-Americana, a partir de Medellín”³⁹ e, também, aos encontros inter-regionais anteriores. Esta indicação reforça a importância do texto, por ser considerado como sendo inteiramente inserido nas reflexões recentes do sínodo para a Amazônia. Este fato indica que as Linhas prioritárias foram concebidas para servir, antes de tudo, como orientações em face de uma realidade muito diversificada e complexa, ao invés de representar um programa padronizado, destinado a uniformizar a pastoral em toda a região amazônica.

Sendo assim, os bispos amazônicos aproveitaram para apontar para a “obrigação cristã e responsáveis de continuar a consolidar a independência do país, sob todos os aspectos”,⁴⁰ não visando simplesmente a uma reviravolta na orientação pastoral de uma Igreja local, até então, pouco presente em meio às populações mais sofridas — indígenas, ribeirinhos, migrantes —, mas, também, a um posicionamento claro contra um governo que se mostrou cada vez mais autoritário e intransigente, sobretudo no início dos anos 1970.

³⁸ COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA DA CNBB, p. 10.

³⁹ OLIVEIRA, J. A. de., A Igreja arma sua tenda na Amazônia, p. 14.

⁴⁰ OLIVEIRA, J. A. de., A Igreja arma sua tenda na Amazônia, p. 30.

3.2. Os aspectos “Encarnação” e “Libertação” e seus efeitos no documento de Santarém

A “encarnação” e “libertação” promovida pelo próprio Cristo é sem sombra de dúvida a força motriz pela qual, a Igreja sentiu a necessidade de realizar este encontro, como forma de entrosamento com a realidade concreta do ser humano, no lugar em que se encontra, neste chão amazônico, isto é, nos centros urbanos ou rurais, novos núcleos humanos, comunidades indígenas, setores marginalizados, áreas de emergência, bem como pelo conhecimento desta realidade, por meio da reflexão, da pesquisa, do estudo e pela convivência com o povo, na simplicidade e amizade no dia a dia. Buscando, desta forma, superar o paternalismo e evitar o etnocentrismo que, durante muito tempo, marcaram os trabalhos pastorais; Oliveira recorda que “os bispos insistem na criatividade pastoral contra todo modelo importado, pré-fabricado ou artificial de vida”.⁴¹

Como honestidade acadêmica, é preciso ressaltar que a centralidade da “encarnação”, no Documento de Santarém, provém da perspectiva incisiva do Concílio Vaticano II, de perscrutar a “atual evolução do mundo” e estabelecer um diálogo com o mundo moderno.⁴² Advém também das diretrizes de evangelização,⁴³ nela se encontra o mistério-chave da economia da salvação, mais exatamente, na Páscoa, enquanto expressão e celebração da libertação plena. O documento de Santarém compreende esta libertação, como a Conferência de Medellín, também, enquanto rejeição de todo tipo de dicotomia na vida do indivíduo e da sociedade, mediante um processo de crescente tomada de consciência e de prontidão à denúncia de tudo aquilo que poderia atentar contra a dignidade humana.

Neste sentido, a evangelização libertadora é, também, atenção aos “sinais do lugar e do tempo, das culturas e dos grupos, da natureza e do homem”.⁴⁴ Implicitamente, a catequese e a liturgia. É válido lembrar que desde os primórdios da Igreja, estas são atividades constitutivas das comunidades cristãs e são vistas como meios para promover a libertação integral, no sentido de englobar necessariamente, além do enfoque espiritual-pastoral, a condição corporal-social do ser humano.

Assim, os efeitos duradouros deste encontro consistiram na necessidade de se estabelecer uma lista de problemas prioritários da região e os desafios que precisam ser enfrentados, visando melhorar qualitativamente a situação pastoral e as estratégias de trabalho. A partir desta lista, buscou-se elaborar um primeiro plano de atividades pastorais viáveis, que levasse em conta as especificidades da Amazônia Legal, bem como as realidades de homens e mulheres da Amazônia.

Sendo assim, observando a realidade, percebe-se o seguinte contexto: antigas e novas marginalizações; estruturas inadequadas importadas ou opressivas;

⁴¹ OLIVEIRA, J. A. de., A Igreja arma sua tenda na Amazônia, p. 14.

⁴² GS, n. 3.

⁴³ CNBB. Igreja, comunhão e missão (o documento como um todo).

⁴⁴ OLIVEIRA, J. A. de., A Igreja arma sua tenda na Amazônia, p. 15.

desenvolvimento econômico feito sem ou contra o próprio homem e mulher; violação dos direitos básicos, como a posse da terra; injusta distribuição publicitária que, às vezes, altera o enfoque da situação real.⁴⁵ Diante desta realidade faz-se necessário, portanto, uma pastoral, na qual os pilares de serviços estejam alicerçados nestes dois referenciais: encarnação na realidade e na evangelização libertadora.

Para alcançar tal propósito, viu-se a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre a realidade e formulação precisa dos conceitos-chave, como evangelização, pastoral libertadora, promoção humana e estruturas eclesiais; formação de agentes de pastoral (temporários e/ou permanentes, autóctones e/ou estrangeiros), institutos de formação, método da aculturação, diversificação dos ministérios; comunidades cristãs de base (rurais, urbanas, indígenas) e assuntos a elas relacionados (catequese, liturgia, família e juventude); promoção humana por meio de uma educação de base (de dimensão cultural, econômica, higiênico-sanitária, jurídica e sociopolítica); povos indígenas e outros serviços complementares.⁴⁶

3.3. Uma relação prática entre a carta aos Hebreus e o documento de Santarém

Com os avanços das proposições do Concílio Vaticano II a Igreja vai entrando em uma grande sintonia, uma sensibilidade universal para com a urgente necessidade de se voltar os olhos para a situação das pessoas e grupos mais esmaecidos. Após e com as encíclicas dogmáticas, vêm inúmeras cartas apostólicas, para os mais diversos âmbitos da Igreja. Neste caso, faz-se oportuno citar a carta,⁴⁷ publicada em maio de 1971, por ocasião dos 80 anos da Encíclica *Rerum Novarum*; retomando as principais questões de cunho social, abordadas pelo documento jubilar. De modo ainda mais objetivo, tratando-se da justiça no mundo; diz o próprio Papa Paulo VI, em uma audiência concedida em novembro de 1971, “Cristo viveu a sua existência como uma doação total de Si mesmo a Deus, pela salvação e libertação dos homens”⁴⁸ Neste contexto, a Igreja experimenta essa sintonia entre a entrega de Cristo, e a entrega de si como condição necessária para a promoção da libertação dos mais oprimidos e excluídos.

Este ambiente norteou o esforço dos bispos do Brasil, reunidos em Santarém em 1972, o qual, imprescindivelmente, tem como referencial a Encarnação de Jesus Cristo na humanidade, pois, antes de tudo, este esforço constituiu uma maneira que encontraram para tentar responder de modo particular ao que estava em destaque em toda a Igreja. Jesus Cristo, sendo Deus, encarna-se na realidade humana, assumindo a fragilidade própria dos homens. Sendo assim, mesmo que eles não tenham citado o texto de Hebreus, vale ressaltar que o autor da carta destaca esse processo de rebaixamento temporário de

⁴⁵ OLIVEIRA, J. A. de., A Igreja arma sua tenda na Amazônia, p. 13.

⁴⁶ OLIVEIRA, J. A. de., A Igreja arma sua tenda na Amazônia, p. 14-29.

⁴⁷ OA (o documento como um todo).

⁴⁸ JM, p. 18.

Jesus com a proposição de que Ele, em um determinado tempo, tenha sido feito por “βραχύ τι παρ’ ἀγγέλους/*um pouco menor que os anjos*” (Hb 2,7a), para que, participando desta condição de fragilidade, pudesse libertar a todos os amedrontados pela morte (Hb 2,15a). Portanto, do mesmo modo como Jesus sustentou sua fidelidade até padecer na morte pregado numa cruz, a Igreja na pessoa dos tantos missionários que adentraram nestas terras de missão, e sofreram o martírio seja doando a vida na missão ou derramando seu sangue em alguns dos diversos massacres,⁴⁹ registrados desde o início das missões nestas terras amazônicas, faz-se semelhante.

Ainda é possível dizer que, do mesmo modo como a doação de Jesus não foi um sacrifício dado em vão, a inserção da Igreja nestas realidades amazônicas sempre foi e haverá de continuar sendo sinal e testemunha de libertação de todos os que vivem nas mais diversas realidades destas terras. Ademais, por meio de tantos projetos sociais muitas comunidades são alcançadas e reconhecidas em sua dignidade, e, por meio do anúncio do Evangelho, podem sentir a presença do Reino de Deus instaurado nestas terras de missão. Portanto, a encarnação na realidade e a evangelização libertadora nada mais é do que a manifestação prática dos ensinamentos de Jesus Cristo, fundamentado nesta perícope que foi delimitada para a realização desta pesquisa.

Conclusão

Este encontro de pastoral representou, sem dúvida alguma, uma mudança significativa na vida de uma Igreja local, até então apagada, ou imergida em uma complexidade social, política, étnica, cultural ou mesmo na própria vastidão de todo este espaço geográfico. Seu valor encontra-se também no esforço da Igreja local de responder à “encarnação” e “libertação”, oferecida por Jesus Cristo, promovendo, assim, como ato de fé o desenvolvimento social e cultural de toda a Amazônia. Outro aspecto fundamental, merecedor de destaque, são as reivindicações sociopolíticas, na construção de uma identidade mais definida, daquilo que significa ser amazônica dentro da grande diversidade que caracteriza a Região Norte do Brasil; pois, a encarnação da Igreja nesta realidade, não pode acontecer sem que os povos amazônicos, acompanhados por seus agentes e pastores, sejam os protagonistas.⁵⁰

Esta pesquisa ressaltou que o documento de Santarém compreende encarnação e libertação, à luz do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín. A Igreja impulsionada pela força do Espírito Santo e iluminada pela palavra de Deus, rejeita todo tipo de obscuridade na vida do indivíduo e da sociedade, mediante um processo de crescente tomada de consciência e de prontidão à denúncia de tudo aquilo que poderia atentar contra a dignidade humana. Com essa prontidão a denunciar e impelidos em reacender nos corações o entusiasmo de uma Igreja discípula-missionária e, encorajados

⁴⁹ REPAM-BRASIL (o artigo como um todo).

⁵⁰ COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA DA CNBB, p. 2.



e animados em vista da profética frase do sumo pontifício “Cristo aponta para Amazônia”, espera-se que a Igreja neste chão continue a libertar os corações do desânimo, ou do medo de se lançarem para a missão nessas terras.

Do mesmo modo, ao ler a carta aos Hebreus, nesta perícopes específica, fica evidente que, Cristo ao assumir a condição de fragilidade, passando pelos sofrimentos, e sentindo na sua carne a força da morte que amedronta seus irmãos (Hb 2,9), está refletido como um eco neste documento. A Igreja, iluminada pela Palavra, sob responsabilidade de seus pastores, ao realizar este encontro, confirma que o mesmo está longe de ser o último dos passos da Igreja em favor da libertação deste povo oprimido pelas múltiplas realidades. Portanto, mesmo que o documento não tenha citado explicitamente a carta aos Hebreus, toda a sua expressividade em relação à “encarnação” e à “libertação” faz-se latente. A Igreja tem consciência que, iluminada pela entrega de Cristo, ela deve assumir seus riscos, para que, assim como ontem, hoje, possa celebrar com o povo os avanços e, apesar das grandes provações, continuar promovendo a libertação em todos os seus aspectos.

Referências bibliográficas

BOSCH, J. S. **Escritos Paulinos**. São Paulo: Ave Maria, 2002.

COMISSÃO Episcopal Para A Amazônia Da CNBB; REDE Eclesial Pan-Amazônia - REPAM-Brasil. **Documento de Santarém 50 Anos: Gratidão Profética**. 1. ed. Brasília: CNBB, 2022.

CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II. **Constituição pastoral *Gaudium et Spes***: sobre a Igreja no mundo atual. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CNBB. **Igreja, comunhão e missão**: na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura. São Paulo: Paulinas, 1990. (Documentos da CNBB 71).

GUTHRIE, D. **A Carta aos Hebreus, introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

KÜMMEL, W. G. **Introdução ao Novo Testamento**. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

LANE, W. L. **Hebrews 1-8**. Nashville: Thomas Nelson, 1991. (Word biblical commentary, vol. 47A).

MAZZAROLO, I. **O que muda depois de Jesus?** Do Jesus histórico ao Cristo da fé. Rio de Janeiro: Isidoro Mazzarolo, 2011.



OLIVEIRA, J. A. de; GUIDOTTI, H. (Org.). **A Igreja arma sua tenda na Amazônia**. Manaus: Editora Universidade do Amazonas, 2000.

PAULO VI, P. **A Justiça no Mundo**. São Paulo: Paulinas, 1971.

PAULO VI, PP. **Carta Apostólica Octogesima Adveniens**: por ocasião do 80º aniversário da *Rerum Novarum*. São Paulo: Paulinas, 1971.

DOS SANTOS, A. L. S. Introdução. In: PERONDI, I.; DOS SANTOS, A. L. S.; RUFINO, C. A. (Orgs.). **Carta aos Hebreus**: Reflexões teológicas-pastorais. 2. ed. E-book. São Paulo: Oikos, 2021.

RAVASI, G. **Lettera agli Ebrei**: ciclo di conferenze tenute al Centro culturale S. Fedele di Milano. Dehoniane: Bologna, 1995.

REPAM-BRASIL. **Itamarati**: “Igreja católica salvou os povos indígenas do massacre”. 2018. disponível em: <<https://repam.org.br/escuta-em-itamarati-foi-a-igreja-catolica-que-salvou-os-povos-indigenas-do-massacre>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

VOUGA, F. A epístola aos Hebreus. In: MARGUERAT, D. **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

ZERWICK, M. **Il Greco del Nuovo testamento**. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2021.

Vilson José da Silva

Doutorando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Docente na de Sagrada Escritura na Faculdade Católica de Rondônia

Rondônia/RO – Brasil

E-mail: vilson.silva@fcr.edu.br

Leandro Rodrigues dos Santos

Graduando em Teologia pela Faculdade Católica de Rondônia

Rondônia / RO – Brasil

E-mail: leandro.santos@soufcr.edu.br



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2023v3n6p203

José Renato Lima de Souza

Graduando em Teologia pela Faculdade Católica de Rondônia

Rondônia / RO – Brasil

E-mail: jose.souza@sou.fcr.edu.br

Recebido em: 31/07/2023

Aprovado em: 18/12/2023